

JEFFERSON, G. 'Sequential Aspects of Storytelling in conversation', In Schenkein, J. (ed.), *Studies in the Organization of Conversational Interaction*. New York: Academic Press, 1978. pp.219-48.

O objetivo do artigo de Jefferson é mostrar que há uma conexão formal entre as conversações alternadas 'turn-by-turn talk' e as estórias que são introduzidas nessas conversações. Ela discute o começo e o fim de estórias, mostrando que as estórias partem de conversações alternadas e quando terminam causam o aparecimento delas novamente. Algo que é dito num dado momento numa conversação alternada faz com que os participantes (falante ou ouvinte) se lembrem de uma estória que pode ou não ter o mesmo tópico da conversação. Estas estórias são metodicamente introduzidas na conversação através de técnicas específicas que mostram a relação que existe entre a estória e a fala anterior e assim a justificam como relevante e adequada à conversação. Resumidamente estas técnicas são: uso de dois mecanismos discretos — um marcador disjunto como por exemplo os termos 'oh'(ah) e 'incidentally' (aliás) que indicam que a próxima fala não tem o mesmo tópico da fala anterior e repetições encaixadas que localizam o elemento na fala anterior que originou a estória. No fragmento abaixo, estes mecanismos aparecem consecutivamente:¹

(1) (grupo + 50C)

EVA: Sei que a moral hoje tá uma coisa!

ANA: Aliás ... HOJE ... Olha ... o exemplo da rebeldia é o Joãozinho:

EVA: (riso)

ANA: Olha aqui... Hoje a Maria (ESTÓRIA)

Os participantes da conversação estavam discutindo sobre a moral da sociedade de hoje em dia criticando especialmente a facilidade com que as pessoas casam e descasam. O termo 'hoje' fez Ana lembrar-se de um acontecimento daquele mesmo dia — um acidente com o neto. Ela introduziu o tópico com o marcador

'aliás' e a repetição 'hoje', que reaparece no começo da estória. O tópico da estória a seguir não tinha aparentemente coerência com o tópico da conversação alternada, tanto que a reação de Eva foi riso.

Jefferson observa que esta repetição encaixada é uma versão da fórmula explícita 'Speaking about X' (Por falar em X) em que se repete uma palavra da fala anterior como fonte da estória que vai ser introduzida:

(2) (adolescentes - grupo A)

LENA: Ah, no Bangu acho que sai mais briga por causa daqueles cara que tão maconhado.

MARA: Agora no Cassino ...

GILDA: No Cassino, eu nunca vi.

MARA: Por falar em Cassino ... Um dia eu tava lá (ESTÓRIA)

Estes dois mecanismos nem sempre aparecem juntos. Um marcador disjunto não é sempre seguido de uma repetição encaixada e uma repetição pode seguir um outro item na conversação.

Jefferson também observa que a introdução de uma estória a partir de uma conversação alternada pode ser feita economicamente através de uma fórmula convencional de introdução de estórias como:

(3) (V - + de 25)

VITOR: Como por exemplo ... um dia desse aconteceu um negócio aqui na mesa ... O garoto estava (ESTÓRIA)

Ou a estória pode emergir aos poucos na conversação alternada, de uma forma mais elaborada, não somente sendo coerente com o tópico da conversação mas também envolvendo os co-participantes como receptores da estória, como o fragmento abaixo mostra:

(4) (grupo B - + de 50)

CELI: Ele vai fazer dezessete, né?

NAIR: Vai fazer ... em março.

MARA: Eu conversei com a Selma pelo telefone no dia anterior
aquele acidente de surfe lá em Itacoatiara ...
NAIR: Pois é, ficou uma fera ...
MARA: Ficou uma fera que a Selma foi lá.
NAIR: E ele foi ... ele foi lá no Antonio Prado ... (um hos-
pital)
CELI: E ele pode até sofrer contusão cerebral. Uma coisa sé-
ria, né?
NAIR: Pois é, ele estava pegando surfe dentro d'água (ESTÓ-
RIA)

Um outro aspecto importante que Jefferson discute é como podemos acabar a estória e continuar a conversação alternada: a) a estória serve como motivação para se continuar a conversação alternada; ou b) uma série de técnicas são usadas para mostrar a relação que existe entre a estória e a conversação alternada e assim mostrar a adequação de ter se contado aquela estória específica. No fragmento (1) do português por exemplo, aparentemente houve uma mudança de tópico — de a moral da sociedade de hoje para as peripécias do neto de Ana. No fim da estória, os participantes continuam a falar do neto de Ana, alternadamente, até chegarem ao primeiro tópico em:

(5) (grupo + 50C)

ANA: É a tal estória ... Ele aparece ... tem que comer e dor-
mir, né?
EVA: Mas a Maria não tem peito não?
ANA: A Maria não quer se aborrecer ... não domina mais ele.

Ana, na verdade, quando se falou da moral de hoje, pensei na filha que não tinha moral (autoridade) com o filho e começou a contar as peripécias do neto para chegar à falta de moral da filha.

No final do artigo Jefferson analisa um longo fragmento de conversação de acordo com as técnicas discutidas no artigo.

Neste trabalho, como em outros trabalhos dos etnometodo-

logistas americanos, Jefferson tenta mostrar como podemos descrever a estrutura das conversações e chegarmos a uma análise formal². Jefferson só consegue este objetivo em parte: (1) falta uma definição formal das categorias apresentadas e explicações porque certos itens lingüísticos são exemplos destas categorias (ver marcador disjunto e exemplos); (2) fica a impressão que a autora está se baseando em exemplos isolados para tecer conclusões gerais. Não há uma tentativa de quantificar as afirmações, o que as tornaria mais convincentes e objetivas. Por exemplo, qual é a freqüência de marcadores disjuntos e repetições encaixadas juntos numa estória? Esta falta de sistematização geral, torna difícil a aplicação do modelo proposto, especialmente em culturas diferentes. Há necessidade de estudos em várias culturas afim de que possamos colocar os modelos americanos numa perspectiva. São particulares, universais?

NOTAS

¹Para exemplificar as técnicas discutidas por Jefferson, resolvi colocar exemplos em português que também parecem seguir as mesmas técnicas. Entretanto, acho que há necessidade de um estudo aprofundado de conversações em português, para podermos afirmar que estas técnicas têm os mesmos significados do inglês. Os fragmentos de conversação em português foram tiradas de conversações gravadas por mim em 1980 no Rio de Janeiro.

²Entre os artigos mais influentes dos etnometodologistas americanos se encontram:
Jefferson, G. 'Side sequences', in D. Sudnow (ed.), *Studies in social interaction*. New York: The Free Press, 1972, 294-338.
Sacks, H. 'On the analysability of stories by children', in Gumperz, J.J. & Hymes, D. (eds.), *Directions in socio-linguistics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.
Sacks, H. Aspects of the sequential organization of conversation. Unpublished manuscript, forthcoming
Collected works of Harvey Sacks, New York: Academic Press.
Sacks, H., Schegloff, E. & Jefferson, F. 'A simplest systematics for the organisation of turn-taking for conversation'. In *Language* 50/4, 1974, 696-735.
Schegloff, E. 'Sequencing in conversational openings. In *American Anthropologist* 70/6, 1968, 1075-95.

Schegloff, E. & Sacks, H. 'Opening up closings'. In
Semiotica 8/4, 1973, 289-327.

SOLANGE LIRA
Departamento de Língua e Literatura
Vernáculas - Universidade Federal
de Santa Catarina.